

## ESCRITORAS SEFARDITAS BRASILEIRAS: MINORIA DENTRO DA MINORIA\*

REGINA IGEL

### Abstract

Overall, this essay addresses the possible causes for the small number of Sephardic writers in Brazil. Specifically, this essay, explores Sephardic literature written by three women in Brazil represented by a writer of Moroccan origin (Sultana Levy Rosenblatt), another of Turkish ancestry (Tatiana Salem Levy), and a third of Ashkenazi origin (Leonor Scliar-Cabral). They composed poetry interspersing Portuguese, Spanish and Ladino. Maybe there are other women writers or poets of Sephardic origin in Brazil, yet to be identified.

*Key words:* Brazilian Sephardim, Portuguese, Ladino, Rosenblatt, Levy, Scliar-Cabral

Escritoras de origem sefardita no Brasil têm uma presença marginal, tanto quanto em reconhecimento crítico quanto em termos de divulgação (com uma exceção, exposta ao longo deste ensaio). A que se deve esta situação? É o que procuro analisar neste ensaio, focalizando as únicas escritoras brasileiras sefarditas de que se tem conhecimento até agora (2021).

O último censo oficial, que data de dez anos atrás, informa que a população judaica no Brasil consistia em 107.329 pessoas.<sup>1</sup> É possível que,

1 (\*) Trechos alusivos a este artigo foram publicados na E-revista *Amazônia Judaica* 9/11 (Setembro 2017), <<https://issuu.com/amazoniajudaica>>. Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 calculou 107.329 judeus.

entre estas, uns 20% mais ou menos sejam de origem sefardita, isto é, nativos ou descendentes de judeus oriundos da Península Ibérica, do Marrocos e de outros países do norte da África, assim como do Líbano, Síria, Bulgária, Turquia e Grécia.<sup>2</sup> Em todo o caso, o conjunto da comunidade sefardita, embora seja uma minoria quantitativa e de menor ênfase social em comparação com a comunidade asquenásita no Brasil, se tem exposto dentro e fora da sociedade judaica por contribuições de interesse nacional em vários setores, como em Engenharia, Medicina, Direito, Comércio e Indústria, Artes Plásticas, Moda, Televisão, Teatro... No entanto, entre estas áreas, o campo literário figura com pequeno número de participantes e, em consequência, com pouca representação de produção em Letras.

A chegada ao Brasil de sefarditas como cristãos-novos nos tempos coloniais (1500-1822) tem sido observada como relativamente numerosa, mas escondida, enquanto que a imigração subsequente, com identidade aberta, foi de pequeno volume (em comparação com as ondas imigratórias dos asquenásitas), com intervalos temporais e geográficos espaçosos. Judeus portugueses e espanhóis, vindos com as primeiras caravelas portuguesas como cristãos-novos, aprofundaram-se pelos sertões e deles não se tem notícia histórica, embora seja de interesse genealógico o quanto de judeus se relacionaram com indígenas e, depois, seus descendentes.<sup>3</sup> No período 1630-1654, como a região açucareira nordestina estivesse sob domínio holandês, sefarditas de origem ibérica instalados na Holanda acompanharam o governador Maurício de Nassau (Moritz van Nassau), nas áreas que hoje compreendem Pernambuco e parte da Bahia. No Recife, construíram uma sinagoga que veio a ser o primeiro templo judaico nas

---

Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> (acesso: 04/2019). Esta soma pode estar alterada para mais, na altura desta escrita (2021).

- 2 Para fins deste estudo, consideramos como ‘sefarditas’ pessoas de origem judaica que não são asquenásitas, isto é, que não são oriundos ou descendentes de judeus da Europa Central e Oriental. Portanto, ‘sefardita’ abarca, no contexto, aqueles que não se identificam como asquenásitas.
- 3 O romance histórico *Judeu Nuquim* (1967), de Octávio Mello Alvarenga oferece um panorama físico e psicológico de dois jovens judeus que esconderam sua identidade étnica e religiosa (dois irmãos, Nuquim e Domi) no sertão brasileiro ao tempo da Inquisição.

Américas, que contou com a presença do histórico rabino Aboab da Fonseca.<sup>4</sup> Foi um período de liberdade religiosa, ainda que discreta. O final deste interlúdio deu-se com a invasão dos portugueses e a retomada do território onde os judeus tiveram a liberdade de viver sua religião, naquele espaço de tempo. Já é de conhecimento geral que muitos deles adentraram os sertões em fuga, enquanto outros decidiram embarcar em direção ao norte, com alguns desembarcando nas ilhas do Caribe, com uns tantos prosseguindo até chegarem à ilha Nova Amsterdam, hoje Manhattan.

Duzentos anos mais tarde, foi a vez dos judeus do Marrocos de origem ibérica se dirigirem para o Brasil. Atraídos pelas possibilidades de sobrevivência em certas áreas da região amazônica, marroquinos judeus se instalaram no norte do país. Segundo alguns historiadores, a chegada desses expatriados se deu ainda antes que surgissem oportunidades com a extração da borracha, da juta e plantações de pimenta e de outros elementos. As ondas imigratórias eram ligadas à fuga da pobreza e de perseguições antijudaicas no país muçulmano. Neste interim, expatriados asquenasitas oriundos do Leste europeu se dirigiam ao sul do país, seja por imigração organizada (como as levas orientadas pela *Jewish Colonization Association*), seja por indivíduos e famílias ingressando no país sem ajuda de agências.

Estas duas comunidades – asquenasitas e sefardita – não estavam apenas geograficamente polarizadas, mas seus contornos incluíam maneiras desiguais de cumprir os rituais religiosos, além de carregarem uma bagagem linguística completamente diferente uma da outra. Os sefarditas falavam judeu-espanhol, conhecido como judezmo ou ladino (as distinções entre estes termos não são nosso propósito esclarecer, os tratamos como sinônimos) e muitos entre eles (principalmente os marroquinos) se comunicavam esporadicamente em haquitia, além de outros dialetos inerentes às áreas marroquinas de onde proviessem. Os asquenasitas falavam o ídiche, com suas derivações regionais. Por estas e demais razões, estas duas comunidades levaram muito tempo para se comunicarem ou

4 Aboab da Fonseca, “histórico rabino”, não só por ter vindo ao Brasil, região totalmente desconhecida por ele, refinado cidadão de Portugal e pregador na Holanda, também por ter sido autor de poemas litúrgicos em hebraico e participante do grupo de rabinos que excomungaram Baruch Spinoza, em Amsterdam.

se reconhecerem em território brasileiro, o que só veio a acontecer com o natural progresso material das mesmas, a modernização dos meios de transporte, o ingresso de jovens em universidades, a inauguração de centros sociais como clubes culturais, esportivos e recreativos, o que levou a encontros entre membros das duas etnias e, eventualmente, a casamentos entre sefarditas e asquenasitas. Este processo de aproximação foi demorado e nem sempre era visto com bons olhos por esses dois polos étnicos da comunidade judaica. No entanto, a população das duas aglomerações permanece a mesma, isto é, há um número maior de judeus asquenasitas do que de sefarditas no território brasileiro.

Demografia pequena, isolamento geográfico e social e, principalmente, uma cultura com influência árabe no mundo dos sefarditas podem ser fatores a ser considerados na observação de que haja pequeno número de criações ficcionais, poéticas ou dramáticas no painel literário feminino sefardita. Os efeitos árabes nesta cultura são percebidos, como se salienta neste trecho, num estudo relacionado a mulheres sefarditas no mundo holandês (partes sublinhadas por mim):

Em Amsterdam, *a posição das mulheres parecia bastante similar àquela das mulheres na Península Ibérica*. Elas eram sobretudo confinadas em suas casas e nas famílias, um fenômeno *influenciado pela herança árabe na Espanha*. A influência da cultura muçulmana também pôde ser observada no Levante: era natural que judias na Jerusalém do século XVII se mantivessem no interior de suas casas. A vida das judias em outras partes do Império Otomano era descrita como *vivenciada principalmente ao redor da família e da casa*. Esta imagem permaneceu em aberrante contraste à ampla liberdade de movimento das mulheres asquenasitas e não-judias, que se faziam presentes pelas ruas de Amsterdam e se mantinham ativas em muitos aspectos da vida econômica, social e intelectual da República Holandesa.<sup>5</sup>

5 Tirtsah Lavie Bernfeld, “Sephardi Women in Holland’s Golden Age”, Julia R. Lieberman (ed.), *Sephardi Family in the Early Modern Diaspora*, Waltham 2011, p. 177 (As Notas foram suprimidas.) A tradução do original inglês é minha (R.I.) (No original: “In Amsterdam, the position of women seemed quite similar to that of women on the Iberian Peninsula. They were mainly confined to their homes

Além das restrições encaradas na Península Ibérica, o Império Otomano “hospedou” judeus de origem ibérica por muito tempo, o que resultou em que elementos árabes muçulmanos se infiltrassem na cultura sefardita. Estes foram pouco a pouco dispensados, mas nem por isto totalmente eliminados. Seus resquícios se expõem, até um certo ponto, em superstições populares, na criatividade poética executada por homens, nas tendências artísticas e no uso de certos instrumentos musicais, mas é no respeito a uma hierarquia dentro do núcleo familiar e na culinária que mais se observam a influência árabe muçulmana nos hábitos dos sefarditas, ainda hoje.

Na gastronomia, como observa J. Goldstein, sefarditas no espaço muçulmano “cozinham as receitas tradicionais da região na qual viviam, enquanto seguiam as regras dietéticas ‘kasher’”.<sup>6</sup>

Depois de fazer uma distinção entre judeus sefarditas e judeus mediterrâneos (de somenos importância para nosso presente estudo), a autora informa que ambas as “comunidades, frequentemente ao longo da Rota da Seda, eram mais integradas na sociedade hegemônica. Elas compartilhavam receitas e tradições culinárias com seus vizinhos não-judeus e adotavam novos ingredientes e temperos que não rompessem as regras dietéticas ‘kasher’”.<sup>7</sup>

Como a maior parte das mulheres cristãs ibéricas e das muçulmanas, as judias tampouco sabiam ler ou escrever, portanto, memorizavam receitas,

---

and families, a phenomenon influenced by Spain’s Arab heritage. The influence of Muslim culture could also be observed in the Levant; Jewish women in seventeenth century Jerusalem were expected to stay at home. The lives of Jewish women in other parts of the Ottoman Empire were described as mostly revolving around the family and the house. This image stood in striking contrast to the great freedom of movement of Ashkenazi and non-Jewish females, who were present all over the streets of Amsterdam and were active in many aspects of the economic, social, and intellectual life of the Dutch Republic.”)

6 Joyce Goldstein, *The New Mediterranean Jewish Table: Old World recipes for the modern home*. Oakland 2016, p. 12. (No original: “They cooked the traditional recipes of the region in which they lived while observing the kosher laws.”)

7 Ibid, p. 13. (No original: “Their communities, often along the Silk Road, were more integrated with the larger society. They shared recipes and culinary traditions with their non-Jewish neighbors and were open to new ingredients and spices that did not break the kosher laws.”)

orações, lendas e histórias familiares, que passavam às novas gerações, como inúmeras investigações já atestaram. Não havia estímulo para que mulheres saíssem do seu perímetro doméstico e fossem estudar ou, pelo menos, aprender a ler e escrever. Sua vida se restringia a casar-se e gerar filhos. No Brasil, obviamente, hoje as moças sefarditas, tanto quanto as asquenasitas, frequentam escolas de nível superior e trabalham em áreas indicadas por suas vocações. No entanto, um resquício dos velhos costumes dos quais as prévias gerações se impregnaram pode explicar o tímido despertar de valores literários sefarditas femininos no Brasil. É uma especulação, não um dado científico.

Talvez uma explicação racional a respeito do pequeno número de representação literária sefardita (tanto de homens quanto de mulheres, mas este artigo enfoca as últimas) esteja não só no setor demográfico, mas também nos costumes herdados de gerações passadas. São estes fatores culturais que restringiriam atividades literárias (ou musicais, artísticas em geral) das mulheres de origem sefardita no Brasil ao longo dos anos mais imediatos às ondas imigratórias.<sup>8</sup>

Quanto à crítica, é possível inferir que, dada a pouca atividade literária por parte dos sefarditas no Brasil, é natural (mas não necessariamente aceitável) que suas criatividades ficcionais tenham pouca repercussão. A tendência geral é focar escritores judeus como um Moacyr Scliar, uma Clarice Lispector, uma Cintia Moscovich, todos de origem asquenaita. É possível que haja mais escritoras brasileiras de origem sefardita que escrevam ou até tenham publicações, mas ainda não foram identificadas. Seria de grande interesse, para leitores e críticos, que tais autoras se revelassem, inspiradas nas três vozes literárias aqui expostas.

Brasil, o maior país da América do Sul, permanece anônimo no que diz respeito à criatividade literária sefardita. Isto é perceptível, por

8 Em décadas recentes, a comunidade sefardita brasileira conta com a cantora Fortuna (nome artístico de Fortunée Joyce Safdié), nascida em São Paulo, em 1958, como intérprete de canções do repertório sefardita ladino e hebraico. Suas composições próprias e em parceria com poetas e cantores têm sucesso junto à crítica e ao público em geral, expandindo o mundo musical sefardita além dos círculos judaicos e do Brasil. V. Wikipedia (acesso 04/2015).

exemplo, numa obra composta para o reconhecimento do quefazer literário feminino sefardita, como é *Mujeres sefardíes lectoras y escritoras, siglos XIX-XXI*.<sup>9</sup> Os ensaios aí coletados tratam, em sua maioria, de textos em judeu-espanhol, expondo um amplo panorama para o conhecimento das expressões literárias por mulheres sefarditas em muitos países onde tais comunidades viveram (na Europa, no Oriente Médio, Norte da África, na Bulgária, Croácia, Grécia, Turquia). Abarcando tal espaço de tempo – três séculos – e tal amplidão geográfica, é de interesse notar que tal volume, em que pesem os excelentes resultados das investigações junto ao elemento feminino sefardita, não concorre com autoras latino-americanas. Há uma exceção, uma breve referência a duas escritoras “ambas argentinas, que han publicado sendos libros de poemas en judeoespañol”.<sup>10</sup>

Um dos objetivos deste trabalho é, modestamente, preencher esta lacuna, informando a respeito de nossas escritoras de origem sefardita e suas obras. Dentro do mesmo quadro, dada a pouca difusão dos livros comentados, alguns trechos foram selecionados para que leitores possam conhecer, ainda que por representações mínimas, os valores dessas escritoras.

A primeira pessoa a ser apresentada é **Sultana Levy Rosenblatt**. Descendente de marroquinos estabelecidos na Amazônia, Sultana nasceu em Belém do Pará, em 1910 e faleceu em McLean, Virginia, nos Estados Unidos, em 2007. Era uma legítima contadora de histórias, relembrando acontecimentos passados na sua terra, a olhos vistos ou narrados por outros. Saiu da região amazônica por seu casamento com Martin Rosenblatt, americano, com quem constituiu família nos Estados Unidos, mas a Amazônia nunca saiu do seu espírito. Nos seus romances e crônicas, ela descreve, com nostálgico romantismo mesclado a realismo, a vida judaica em Belém e nos arredores, abarcando outras cidades plantadas na floresta amazônica.

Sultana narra o desenrolar das comunidades judaica e não-judia que ela

9 Paloma Díaz-Mas y Elisa Martóin Ortega (coords.), *Mujeres sefardíes lectoras y escritoras, siglos XIX-XXI*, Madrid-Frankfurt 2016.

10 Ibid, p. 38.

vivenciou ou ouviu de outros, em textos inseridos nos seus romances *Uma grande mancha de sol* (1951), *Barracão* (1958 e 1963), *Reviravolta* (1968), *As virgens de Ipujucama*, *Papéis* e *Visita à Sua Alteza* (estes três em 1999). Todos tiveram edições restritas e, por longo tempo, pouco reconhecidas pela crítica especializada.<sup>11</sup> Felizmente, porém, em 202 emergiu no estado do Pará uma organização de professores universitários (Universidade do Pará, Campus de Bragança) inaugurando uma corrente crítica relacionada aos escritores sefarditas amazônicos. Um dos resultados da NESA (Núcleo de Estudos Sefarditas na Amazônia) é a coletânea *Ecos Sefarditas: Judeus na Amazônia*.<sup>12</sup>

Nesta obra, encontra-se um ensaio sobre um dos romances de Sultana L. Rosenblatt, “O antissemitismo nas obras *Uma grande mancha de sol* e em *Um pedaço de lua caía na mata*”, por Aldilene Lopes de Moraes. O primeiro dos livros listados é de autoria de Sultana, onde ela descreve uma cornucópia de situações típicas do seu meio ambiente, no período em que viveu em Belém do Pará e em outras localidades da região amazônica. O artigo expõe uma descrição do antissemitismo que eclodia em espaços regulares na região, por invasões no comércio e residências de judeus. A romancista deu a esses ataques o nome de ‘pogroms’, pois muito se assemelhavam aos crimes antijudaicos na longínqua Rússia e áreas circundantes. Esses episódios devem ter marcado em fogo as lembranças de Sultana, pois não só narra o que viu, mas também o que outros lhe contavam das situações assim perigosas em outras regiões da floresta. Além de narrar tais ocorrências num dos romances, ela também as descreveu em suas crônicas, publicadas na revista *Morashá*. Foram tais relatos curtos, publicados nesta revista de teor judaico, que mais atenção atraíram sobre a vida judaica amazônica.

Como ilustração, abaixo estão alguns recortes da crônica “Como viemos parar na Amazônia”, de Sultana Levy Rosenblatt, pelos quais se percebem

11 Um trabalho crítico sobre Sultana Levy Rosenblatt é de Moacir Amâncio, “Caminhos de Sefarad na Literatura Brasileira”, in Amilat (coord.), *Judaica Latinoamericana VII*, Jerusalém 2013, pp. 537-54.

12 *Ecos Sefarditas: Judeus na Amazônia*, org. por Alessandra F. Conde da Silva e Silvia Helena Benchimol-Barros, Rio de Janeiro 2020.

flagrantes das circunstâncias vividas pelos imigrantes marroquinos e seus descendentes.<sup>13</sup> Nos textos selecionados, a autora descreve parte da vivência dos seus antepassados (começando pelo bisavô), revelando que ele era escravocrata (num tempo em que todos os endinheirados tinham escravos). Ademais, ela descreve um dos ‘pogroms’ e também o efeito causado nos meninos quando pela cidade apareciam senhores encarregados de circuncidar os judeus que não o foram depois dos oito dias mandatórios após o nascimento. Eis os trechos:

Parece incrível que pelo meio do século XIX meu bisavô materno fosse proprietário de canaviais situados na grande Ilha de Marajó, no norte do Brasil.

Parece incrível por vários motivos. Primeiro que tudo, ele era um jovem judeu e os judeus não gozam fama de aventureiros. Atribui-se à extremosa mãe judia o poder de impedir que os filhos se exponham a perigos...

Em segundo lugar, supõe-se que os judeus preferissem estabelecer-se nas cidades, perto de sinagogas, escolas, bibliotecas. Mas esse lugar a que meu bisavô entregou as primícias da sua vida não tinha sinagoga, nem biblioteca, nem sequer livraria. Era uma cidadezinha onde as facilidades, como condições sanitárias e assistência médica, ainda hoje são precárias.

Então, pergunta-se, como se explica que um moço judeu, educado, nascido em Tânger, no Marrocos, apareça feito senhor de escravos no coração de uma ilha amazônica? ... que por esse tempo, os rapazes judeus eram encorajados pelos próprios pais a procurar nova vida, fosse onde fosse. Qualquer lugar seria melhor do que a existência em guetos rodeados de mouros inimigos.

O Brasil, a essa altura, era uma espécie de Terra Prometida. Um país com imensas áreas e pouca população, atraindo imigrantes com promessas liberais por uma lei que não levava em conta credo ou nacionalidade, contanto que a raça fosse branca. Assim, os judeus marroquinos, considerados imigrantes brancos, zarparam para a região amazônica

13 Sultana Levy Rosenblatt, “Como viemos parar na Amazônia”, *Morashá*, 30.9.2000, <<http://www.morasha.com.br/revista.html>> (acesso: 04/2015).

esperando lá encontrar o “El Dorado”. Liberdade, acima de tudo liberdade religiosa, e, quem sabe, ouro jorrando do solo. Cedo esse fascinante sonho se desfez quando eles compreenderam que apenas haviam-se mudado do purgatório para o inferno. (A floresta amazônica é poeticamente cognominada “Inferno Verde”.)

Mas, esqueçamos a história e voltemos ao meu... devo chamá-lo “meu querido” bisavô? Nunca vi sequer um retrato seu, pois os judeus marroquinos da época não tinham o costume de se fazer fotografar. Apenas posso imaginá-lo parecido com qualquer homem marroquino.

Pelo que ouvi contar, meu bisavô era moreno, esguio, um homem fino, muito querido pelos seus escravos por sua bondade, educação e maneiras polidas, atributos que o tornaram respeitado pela população local. Mas tenho a impressão de que, com o fim de se manter no mesmo nível social dos seus vizinhos, todos ricos fazendeiros, ele se teria mais ou menos ou aparentemente assimilado, pois era conhecido como “José Luiz”. Seu filho mais velho, Samuel, ingressou no exército brasileiro, na Guarda Nacional. Quanto à minha bisavó, com a beleza combinava bem o seu nome, Graça. O casal veio para o Brasil já com três filhos, dois meninos, Samuel e José, e uma menina, Belízia, de apelido Vida. Os judeus marroquinos costumam dar às suas filhas nomes expressivos em espanhol, como Luna, Reina, Perla e, mesmo no Brasil, não os traduzem. Além do espanhol, esses judeus usavam na intimidade da família, o dialeto chamado haketía. Mas Belízia só falava português. Ela negava haver nascido em Tânger e afiançava ser brasileira. “Mãe Vida”, como os netos a chamavam, era pequenina, cútis cor de canela, vivaz; tinha os gestos, as maneiras, os hábitos e as expressões de um paraense nato. Poderia muito bem passar por uma graciosa nativa. Seus companheiros de infância, filhos de vizinhos fazendeiros, tratavam-na por “Mana Vida”.

Pelos padrões monetários da época, meu bisavô era rico. Senhor de próspera fazenda, chefe de família elegante, um homem realizado, enfim. Súbito tudo ruiu quando adoeceu gravemente, vítima de béri-béri. Sem recursos médicos onde vivia, foi levado para Londres e nunca mais voltou. Morreu em viagem e seu corpo foi atirado ao mar.

Ficou a viúva muito jovem, inexperiente, para arcar com a responsabilidade

de dirigir o engenho. Os jotabs, corretores de casamentos, movimentaram-se e, mais que depressa, arranjaram-lhe o segundo marido. Esse homem, chamado Nahmias, veio a ser o destruidor dos negócios e da família. Para começar, os escravos, não se sujeitando às suas crueldades, fugiram. Os dois enteados, Samuel e José, cedo deixaram a casa, casaram-se premidos por circunstâncias especiais, e ficaram afastados de parentes e correligionários. Ambos morreram muito jovens. A única coisa que minha bisavó Graça sabia fazer na sua desgraça era chorar. Chorou, chorou, até não ter mais lágrimas. E cegou. Sempre a imaginei como uma dessas antigas bonecas francesas, rosto alvo de porcelana, olhos verdes brilhando, parados.

Em realidade ela não era mais do que uma boneca. Era apenas uma doce, ingênua, submissa mulher. A pequena Belízia não herdara a beleza materna, mas era inteligente, viva, decidida. Seu padrasto era ríspido e continuava a desbaratar em viagens e jogatinas a fortuna da família. A fim de escapar do seu domínio e poder legalmente tomar posse da herança que lhe cabia – tinha apenas 13 anos – ela jurou casar-se com o primeiro homem que lhe pedisse a mão, fosse ele embora um “Zé ninguém”. Mas teve sorte. Em vez de um “Zé ninguém”, apareceu-lhe como num conto de fadas uma espécie de príncipe.

Ele tinha 23 anos, era bonito, face rosada, olhos escuros, alto elegante. Era romântico. Falava vários idiomas e era versado no judaísmo. Além do mais, sabia cantar. O Kol Nidrei soava, na sua voz, com estranha e sentimental melodia. Chamava-se David Benoliel. Veio de Tânger, pertencia a uma geração de grandes rabinos e só devia casar-se com quem tivesse semelhantes raízes. Belízia Levy era a perfeita noiva para ele. David era sobrinho do grande Rabino Shemtob e Belízia descendia do Chacham Haim Pinto. Provavelmente o encontro de ambos foi do meio dos jotabs, pois ela vivia em Muaná, no Marajó, e ele, na área do Tocantins, para onde veio reunir-se à sua irmã mais velha, Paloma, aí estabelecida com o esposo, Maximiliano Bensimon, e um filho, Abraham.

[...] neste ponto que se inicia a saga da minha família. David Benoliel, seu cunhado Maximiliano Bensimon e um primo, Abraham Larrat, estavam incluídos entre as dezenas de rapazes vindos de Marrocos, durante a segunda metade do século XIX, para a região amazônica. Aí eles aprenderam nova

língua, ajustaram-se a uma vida diferente, aí se enraizaram. Aí tiveram e criaram seus filhos. Como sobreviveram às hostilidades do clima, às dificuldades do ambiente, como puderam manter, preservar, transmitir o mesmo judaísmo trazido do lar paterno aos seus descendentes, só pode ser explicado pelo fato de que eles estavam atados de alma e coração à “Árvore da Vida”, a Torá. Poderiam ter assimilado e esquecido tudo, se assim o desejassem. A vida ao longo do Rio Amazonas é isolada. Quilômetros e quilômetros de água separam uma casa da outra. No entanto, na intimidade do lar, eles mantinham a religião, com todos os seus requisitos. Antes do pôr-do-sol, às sextas-feiras, tudo parava. Não se podia tocar música (em geral, tocavam pequenos instrumentos como violino, flauta, bandolim), não se podia remar nem nadar, enquanto durasse o sábado sagrado. Casamentos e cerimônias fúnebres eram realizados severamente de acordo com as tradições e rituais, alguns místicos. Quando os livros de leitura religiosa escasseavam, eles os copiavam manuscritos, de modo que nada fosse esquecido ou omitido. Durante os dias sagrados, reuniam-se na cidade mais próxima, numa sinagoga improvisada. Nessa ocasião aproveitavam a oportunidade para circuncidar os meninos nascidos nesse ano. Nem todos, porém, tinham possibilidades para tomar parte nessas reuniões. Desse modo, o menino seria circuncidado com qualquer idade, dependendo do momento oportuno que se apresentasse.

Eu própria, por acaso, testemunhei um emocionante acontecimento em Belém. Estava de compras com uma prima de nome Piedade (o anjo benfeitor da nossa família), quando de repente ela lembrou-se que devia ir à sinagoga para assistir, no salão de recepções, à circuncisão dos sobrinhos de uma sua amiga, vindos do interior do Estado. A família vivia num lugar distante e só então tinham conseguido meios para trazer os meninos a Belém com o fim especial de os circuncidar, tornando-os parte de nosso pacto ancestral, desde Abraham Avinu. Para minha surpresa, tratavam-se de garotos entre 8 e 12 anos de idade. Eram três, e o trio mantinha-se unido em silêncio e pavor. Quando um velho contou o número de homens e anunciou – “Já temos minian, podemos começar” – imediatamente travou-se uma espécie de tourada. Os meninos corriam, gritando, proferindo palavões, defendendo com as mãos a parte do corpo que devia ser operada, repetindo: “Não me capem!” – e os homens rindo,

correndo atrás deles, cercando-os, até que conseguiram aprisionar os três. De pés amarrados, sem anestesia, em presença de todos, um a um foram circuncidados por perito Mohel. Minha prima Piedade era uma verdadeira Tzadiká. Muito religiosa, descendente de Rabi Eliezer Dabela, de quem herdou poderes sobrenaturais, sua presença era requerida porque tinha o dom de abrandar dores e curar certas lesões. Quanto a mim, escondi-me em outra sala, assustada. Mas não ouvi gritos e em um momento, quando as rezas silenciaram, compreendi que tudo havia acabado. Quando fui convidada para tomar parte na festa, fiquei surpreendida ao encontrar os meninos entre os convidados, comendo e bebendo refrigerantes. Já então eles sorriam. Embora vivendo nas brenhas do Amazonas, eles desejavam aquela operação, desejavam ser parte do Brit Milá. Sentiam-se orgulhosos de ser judeus.

Este orgulho, no entanto, não proveio da liberdade com que os imigrantes sonhavam. Eles tinham que lutar para manter o seu judaísmo. O estigma judeu seguia-os até as profundezas da selva. Meu avô e seus amigos eram comerciantes e suas lojas ficavam às margens dos rios, mas cercadas pela mata. E nesses lugares escondidos eles eram alcançados por pogroms.

Assim acontecia. Esses armazéns forneciam comestíveis, roupas, remédios, utensílios, em troca de borracha, castanha, sementes oleaginosas, artigos que eram trazidos pelos nativos. Durante a estação chuvosa, o negócio declinava para ambas as partes. Os contemporâneos do meu avô David sempre lembravam, entre suas anedotas espirituosas, uma que se relacionava a essa situação. No tempo do movimento comercial, ele costumava ir frequentemente a Belém para fazer transações com exportadores e bancos. Um amigo estranhou vê-lo na capital em pleno inverno e perguntou a que viera. “Vim fugindo da safra do ‘me ceda’”. “Safra de que, nesta época?”. “Safra do ‘me ceda’, já disse, ‘me ceda um alqueire de farinha’, ‘me ceda um rolo de tabaco’, ‘me ceda uma manta de pirarucu’.... A verdade é que ele deixara sua casa não somente para escapar à “safra do me ceda”, mas sobretudo para livrar sua família de algum provável pogrom, ocorrido mais nessa época, e chamado pelo povo de “mata judeu”. Embora não fossem atacados fisicamente, as crianças e mulheres ficavam em tal estado de pavor que geralmente adoeciam. O pânico começava de manhã bem cedo, quando se suspeitava, pelo

mutismo do ambiente, ausência de canoas, silêncio absoluto, que algo terrível estava para acontecer. Então às carreiras, a família escondia seus bens mais valiosos. As mulheres e as crianças trancavam-se no dormitório. O dono do armazém abria o Sidur e se concentrava em orações. Quando o cão ladrava anunciando aproximação de estranhos, o homem preparava-se para o confronto. O pogrom, isto é, homens exaltados, invadiam o estabelecimento e procediam à pilhagem. O judeu fingia estar lendo e não se aperceber do que acontecia. Tão pronto os assaltantes se retiravam, a família reunia-se dando “graças a D’s por tudo”, que o mais importante era a vida, e procurava-se esquecer o incidente.

Quando os amigos encontravam-se novamente, discutiam o ocorrido, já em gargalhadas. Cada qual exagerava o montante de sua perda e se jactava do modo como reagira, levando a ridículo uns aos outros. Outras anedotas surgiam dessa fonte nova. Uma das mais conhecidas era sobre um tal Issacar que teria decidido amedrontar os intrusos, recebendo-os de rifle em punho. Quando os ladrões chegaram ele os fez recuar, gritando-lhes – “Aquele que der um passo à frente é homem morto”. Os homens se acovardaram e já iam retirando-se, quando Issacar, explodindo de raiva, falou para si mesmo, mas em tom bastante alto: “Ah, *mamzerim!* ... pena não ter uma bala, senão acabava com todos vocês!”. ... de se imaginar o que aconteceu depois dessa confissão...

Pois bem. Apesar de todas as adversidades, estes jovens judeus decidiram ganhar a batalha contra a natureza e contra os homens. Permaneceram no mesmo lugar, trabucando no mesmo negócio durante anos, até haver poupado bastante dinheiro para se mudar para a capital, poder educar seus filhos e abrir caminho para gerações mais afortunadas. Na primeira década do século XX muitos deles já se encontravam em situação econômica folgada e pertenciam à alta camada da sociedade de Belém. Ituquara, Marariá, Cariri e outros “furos” cujos nomes nem aparecem no mapa do Pará eram só lembranças dos tempos idos.

Meus avós paternos, Moysés Levy e Hália Dabela Levy, vieram respectivamente de Rabat e Casablanca. Eram imigrantes também – não de origem espanhola e, por isso, falavam *harbíá*. Eram muito respeitados pelos outros judeus porque minha avó Hália era nobre. Do ponto de vista

dos judeus marroquinos, a nobreza é baseada no número ou magnitude de rabinos entre os ancestrais. Minha avó, Hália Dabela, era descendente de Rebi Eliezer Dabela, um rabino a quem se atribuíam milagres. Um deles foi fazer parar uma enchente, marcando com o seu bastão até onde as águas deviam chegar. Usava sempre esse bastão, que se encontra entre seus descendentes em Casablanca, e um colar de âmbar que minha avó Hália herdou e é conservado na nossa família. Esse colar era pendurado na cama dos enfermos e das parturientes pelos seus efeitos milagrosos.

Eu não estaria aqui, agora, se não fosse pela decisão de minha avó, Belízia, de casar, aos 13 anos, com David Benoliel. Foi uma união feliz que ultrapassou as bodas de ouro e da qual houve vários filhos, inclusive Esther, minha mãe. Em sua juventude, Esther era considerada uma das mais belas moças de Belém. Tinha 18 anos quando se casou com Eliezer, único filho de Moisés e Hália Levy, o mais atraente e desejado solteirão (aos 24 anos!) da cidade de Belém. Casaram-se na cidade de Cameté, a 21 de março de 1900.

Seu estilo nas crônicas sempre foi claro, objetivo, quase como se estivesse contando os casos em viva voz. Não se preocupava em inventar metáforas, ia direto ao cerne das situações, as descrevia como as via ou sentia, além de trazer também um roteiro histórico aos relatos. Já nos romances, mostrava-se inclinada a trazer, aqui e ali, imagens quase barrando o preciosismo, em meio a uma relativa expressão realista nos quadros que compunha. No romance *As virgens de Ipujucama*, constituído de capítulos que podem ser lidos como contos, como exemplo de um estilo ‘preciosista’, a protagonista assim se comunica com seus leitores, no capítulo “O castelo”:<sup>14</sup>

Quanto mais rangente se tornava minha cama, mais eu sonhava com os ricos aposentos da duquesa de Albany. Quantas noites me transportei para o seu quarto de um luxo discreto e elegante. Via o leito de ornatos dourados e a colcha com as estamparias pastoris de Jouy. Via as cortinas de brocados de Lyão e os reposteiros azuis que dissimulavam as portas. Ali estava a cômoda alta, delicada, uma ‘semainier’ com as sete gavetinhas que guardavam a roupa íntima da duquesa. Na esquina a sua escrivaninha com

14 Sultana Levy Rosenblatt, *As virgens de Ipujucama*. Belém 1978, p. 173.

as incrustações de bronze sobre tartaruga, de Boule... Jarros de Sèvres, grupos de biscoito... Distribuídos sobre as mesinhas...

Tanto ela podia escrever no malabarismo do estilo barroco, carregado de descrições de objetos no estilo, como acima mostra o trecho, como também podia ter uma forma de escrever em caráter lúcido, eivado de imagens observadas com justeza, como neste curto texto também selecionado no volume *As virgens de Ipujucama*:

Num sábado à tarde as cigarras ressurgiram e em coro vaiaram a chuva até expulsá-la. Um sol tênue se infiltrou entre as nuvens espumosas e projetou no horizonte o colorido alvissareiro de um imenso arco-íris. O domingo amanhece radiante sob um céu anilado e límpido, nimbado de alvos cirros-cúmulos.<sup>15</sup>

Em descrições de ambiente fechado, como o texto anterior, ou ao ar livre, como neste último ou ainda na descrição da vida dos antepassados e das suas lembranças pessoais, Sultana Levy Rosenblatt se destaca pela elegância de sua escrita. Seu vocabulário era empregado com conhecimento de que pertencia a uma era passada e que leitores muito jovens poderiam optar por evitar sua leitura (como fazem com Machado de Assis, por exemplo). Trabalhou na liberação de imagens pelo uso das palavras exatas e fez isto tanto nos textos em que trouxe à superfície literária seu judaísmo e dos seus pais, vizinhos e parentes quanto nas suas obras de ficção. Podia descrever céus azuis e manhãs radiantes ainda estando no inverno norte-americano, ou imaginar cômodos luxuosos e carregados de móveis barrocos, levando suas imagens para uma máquina de escrever manual, simples e barulhenta.

**Tatiana Salem Levy.** Sua história pessoal é bastante peculiar. Nasceu em Portugal (1979), quando seus pais estavam naquele país como refugiados políticos, escapando da ditadura militar que exerceu seu poder no Brasil de 1964 a 1985. Antes que a filha completasse um ano de idade, o casal e a menina viajaram para o Brasil, aproveitando a brecha

15 Ibid., 77.

da Anistia. Chegaram ao Rio de Janeiro e aí se estabeleceram. Na cidade de seus pais, Tatiana estudou e conviveu com sua família.<sup>16</sup> É autora de vários livros, quase todos com um veio judaico explícito. É formada em Português-Literatura e Português-Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; obteve Mestrado e Doutorado em Estudos da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Seu livro *A chave de casa* foi premiado em 2007 como obra de estreado (Prêmio S. Paulo de Literatura) e em 2008 foi finalista do Prêmio Jabuti.<sup>17</sup> Tatiana é a primeira escritora que coloca, no painel da literatura brasileira contemporânea, descrição da vivência com judeus sefarditas num ambiente urbano, pois descende, do lado materno, de judeus da Turquia. E o romance em questão trata da lendária história da chave de casa que os expulsados da Inquisição da Península Ibérica levaram consigo, na esperança de um dia retornar. A chave que a narradora ganhou do avô turco, morador do Rio de Janeiro, pertencia à casa dele em Esmirna, na Turquia e ela foi incumbida de lá ir para averiguar se ainda existia e, sendo o caso, abrir sua porta com aquela chave. No percurso de ida e volta, a narradora faz descobertas pessoais, revela situações acontecidas com seus antepassados e, mais do que tudo, redescobre sua própria pessoa, sua postura no mundo, seus objetivos e seu relacionamento com o judaísmo.

Sua participação na literatura brasileira tem sido premiada e respeitada universalmente: *A chave de casa* foi traduzida em cinco idiomas: francês, italiano, romeno, espanhol e turco. Seu nome consta da lista dos mais

16 Sua mãe, Helena Salem, falecida, foi jornalista e também escritora; é sobrinha de Gilda Salem Szklo, também falecida, que fez estudos, entre outros, da obra de Moacyr Scliar.

17 Tatiana Salem Levy, *A chave de casa*, Rio de Janeiro 2007. Outras obras da autora (selecionadas): Em antologias – *Paralelos* (2004) e *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2005); *Recontando Machado* (2008), *Dicionário Amoroso da Língua Portuguesa* (2009). Tese: *A Experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze* (2003); Antologia (org.): *Primo* (contém contos de escritores de ascendência árabe e judaica, 2010), *Dois Rios* (2011); documentários para TV: *A memória que me contam e Nada tenho de meu* (2012), *Paraíso* (2014), *O mundo não vai acabar* (crônicas do jornal *Valor*, 2017).

promissores escritores jovens brasileiros da revista *Granta, The Magazine of New Writing*, que se publica na Inglaterra e na internet.

No interesse desta apresentação, o romance *A chave de casa* é examinado por suas conexões com o judaísmo sefardita e pelo tom confessional e revelador que as histórias nele contidas apresentam. A estratégia literária da escritora, neste romance, tem a ver com autoficção, um artifício que transmite tanto a capacidade imaginativa quanto confissões pessoais da autora, na sua transmutação para narradora. Traços da vivência de Tatiana com as lembranças dos pais em referência às perseguições que sofreram durante a ditadura militar, assim como suas próprias dúvidas, que se poderiam dizer de raízes existenciais, se propagam em *A chave de casa*.

A narrativa se eleva em termos espirituais, quando ela, a narradora, conversa com sua mãe (já morta, na vida real da escritora) e com ela tem uma relação de amizade e diálogos plenos de ternura. Texto de seu livro:

Nasci no exílio: em Portugal, de onde séculos antes a minha família havia sido expulsa por ser judia. Em Portugal, que acolheu meus pais, expulsos do Brasil por serem comunistas. Demos a volta, fechamos o ciclo: de Portugal para a Turquia, da Turquia para o Brasil e do Brasil novamente para Portugal. ... Nasci no exílio: e por isso sou assim: sem pátria, sem nome. Por isso sou sólida, áspera, bruta. Nasci longe de mim, fora da minha terra – mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha? (p. 25, edição indicada)

Composta de lembranças, fictícias ou não, a narrativa inclui uma camada de reflexão, que se impõe sobre a escrita, numa fusão entre metalinguagem, que leva à autoanálise, com simples descrição do estado físico em que se encontra a narradora, no colóquio com sua mãe, como se lê neste trecho, em tom confessional:

Conto (crio) estas histórias dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história da chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram, mas nós duas (só nós duas) sabemos ser outro o motivo da minha paralisia. Conto (crio) essa história para dar algum sentido à imobilidade, para dar uma resposta ao mundo e, de alguma forma, a mim mesma, mas nós duas (só nós duas) conhecemos a

verdade. Eu não nasci assim. Não nasci numa cadeira de rodas, não nasci velha. Nenhum passado veio me assoprar nos ombros. Eu fiquei assim. Fui perdendo a mobilidade depois que você se foi. Depois que conheci a morte e ela me encarou com seus olhos de pedra. Foi a morte (a sua) que me tirou, um a um, os movimentos do corpo. Que me deixou paralisada nessa cama fétida de onde hoje não consigo sair (p. 62).

O ponto nevrálgico do romance se faz pelo cruzamento, mental e gráfico, de vetores tais como o exílio voluntário do avô que veio da Turquia para o Brasil e quem incumbe a neta a se deslocar até Esmirna, sua cidade natal; o exílio dos seus pais, do Brasil para Portugal, durante o regime da ditadura militar e o retorno deles, com ela recém-nascida, para o Rio. Há mais cruzamentos entre continentes, como a travessia transcontinental da Ásia para o Brasil (o avô); o cruzar do Brasil para a Ásia, quando a narradora vai à Turquia; sua passagem por Portugal, que lhe foi ingrata e seu retorno ao Brasil. A movimentação transcontinental impõe à narrativa um fluxo e um refluxo, tanto de ordem geográfica quanto reflexiva. É pelos caminhos trilhados pelos imigrantes antes dela e as sendas que ela abre para si, nesta “viagem de volta às origens” (p.162), que ela se compõe e decompõe, como ela mostra num minúsculo capítulo de quatro linhas, ao tentar destruir sua máquina de escrever e rasgar as folhas escritas e em branco:

Com raiva, com ódio, jogo a máquina de escrever no chão e rasgo todas as folhas escritas. E também as brancas, para não correr o risco de continuar escrevendo. Percebo o quão inútil é escrever esta viagem de volta às origens. ... Esta viagem não tem por que existir: nem de verdade, nem no papel (p.162).

O capital emocional que ela retira das viagens e dos encontros – como a frustração amorosa em Portugal – culmina com a notícia dada por alguns judeus que ela encontrou em Esmirna, que ela terá de passar ao avô. O livro termina no seu ponto de partida, quando o avô lhe passa a chave de sua casa, que ela descreve: ... “alcanço a mão do meu avô. Seguro-a com força, e permanecemos com as mãos coladas, a chave entre nosso suor, selando e separando as nossas histórias” (p. 206).

Enquanto Sultana Levy Rosenblatt relembra um passado povoado por pessoas que escolheram permanecer no mesmo lugar ou se viram impossibilitadas dele se afastar, talvez caracterizando a comunidade judaica amazonense como estática quando ela ali viveu, Tatiana Salem Levy revela uma energia diferente em *A chave de casa*, que apresenta movimentação transoceânica, além das turbulências íntimas que os deslocamentos lhe causaram. A obra de Sultana, em geral, revela alguns aspectos da vida judaica nas cidadezinhas cercadas e entroncadas por rios e florestas, no início do século XX, enquanto o romance em foco de Tatiana explora uma tênue ligação entre o passado do avô turco e a vida presente da protagonista. Pode-se expandir mais um pouco esta comparação verificando que ambas fazem um perfil distinto da comunidade sefardita. Talvez isto se deva mais ao estímulo e oportunidades de uma cidade como o Rio de Janeiro, capital do Brasil durante o período mais amplo da imigração judaica, do que a características vinculadas às origens nacionais dos expatriados. Enquanto Sultana passou grande parte da sua vida em Belém do Pará, como parte e observadora da vida judaica sefardita nas aberturas da floresta amazônica, tanto as estreitas quanto as mais amplas, Tatiana Salem Levy viveu em esferas urbanas, sofisticadas, onde a comunidade sefardita poderia, até um certo ponto, confundir-se com a sociedade hegemônica. Estas diferenças geográficas terão agido de modo influenciável na estrutura mentalizada das autoras e de suas respectivas obras.

Mais ainda, a primeira geração nascida na Amazônia ainda se dividia entre permanecer e buscar outras praças no Brasil, enquanto a geração que antecedeu o nascimento da protagonista de *A chave de casa* já se tinha rebelado contra o regime (ditadura), já tinha partido e já retornara ao Brasil. Estas diferenças, nada sutis, pois flagradas por ambas as escritoras em seus postos de observação literária, caracterizariam, em parte, a diversidade encontrada nesta minúscula comunidade.

Por menor que seja a comunidade sefardita brasileira, já se poderia delinear, por estas duas escritoras, uma diversidade interna entre os sefarditas. Com o inevitável passar do tempo, chegamos ao século XXI com mudanças: curiosidade recíproca e trocas amenas de informações sobre seus respectivos hábitos e tradições, junções de famílias como resultado

de casamentos entre sefarditas e asquenasitas. Isto se deve não só aos elementos citados acima, como a aproximação das duas etnias em clubes recreativos, universidades e por casamentos, mas também lembrando que, entre profissionais como engenheiros, arquitetos e advogados descendentes de asquenasitas e sefarditas se formam escritórios e negócios em sociedade, o que tem criado uma atmosfera aprazível de compreensão entre as duas comunidades. Tal quadro de harmonia só começou nos últimos 20 anos ou pouco mais, lembrando que tanto a imigração dos sefarditas quanto a dos asquenasitas já celebra mais de cem anos no Brasil.

Sáimos desta conjuntura para nos aproximar de uma pessoa de origem asquenasa, mas que se dedicou a estudar, a louvar e a poetizar o mundo Sefarad. Trata-se de **Leonor Scliar-Cabral**, linguista emérita da Universidade de Santa Catarina, no sul do Brasil. Entre suas obras, conta-se um livro de poemas a que ela deu o nome de *Memórias de Sefarad*.<sup>18</sup> Quatro anos antes deste poemário, Leonor já tinha publicado uma série de traduções do ladino ao português, em *Romances e canções sefarditas*, que contém uma “Breve história dos sefarditas”. À maneira de um Posfácio (pp. 63-94), suas 30 páginas talvez constituam uma das narrativas de âmbito histórico mais completas que já se produziu no Brasil. A sequência dessas publicações levou o público a pensar que ela fosse de origem sefardita.<sup>19</sup> Descende de imigrantes da antiga Bessarábia, mas sua devoção ao mundo judaico ibérico é constante e literariamente envolvente.

Em conversa informal, pela internet, perguntei-lhe: – O que a levou a escrever os poemas e a traduzir outros dentro do tema sefardita? – Sua resposta: “Na década de 80, escutei na casa da família Kolinsky, em Bruxelas, discos de Esther Lamandier, a maior intérprete do cancionário sefardita de então: foi uma paixão! comprei o disco e, então, traduzi, pela primeira vez, os romances e canções sefarditas para o português (edição do Massao Ohno).”<sup>20</sup> Espelhando um período da nossa história (judaica),

18 Leonor Scliar-Cabral, *Memórias de Sefarad*, ilustrações de Rodrigo de Haro, Florianópolis 1994.

19 Idem, *Romances e canções sefarditas (séc. XV ao XX)*, traduzidos do Judeu-Espanhol, São Paulo 1990.

20 Correspondência pela internet (acesso: 2.8.2016).

o poema em dez versos, abaixo, de Scliar-Cabral representa o período em que tanto o português quanto o espanhol e o ladino se trançavam:

Descendo a calle del Angel, escondida sob mantilha  
e atrás de seu abanico, Doña Raquel, a judia.

E desta casa de Ishaq, ao pé da colina virgem,  
O milagre de Colombo, a rainha conseguiu.

Depois... das dez sinagogas do tempo del Mio-Cid  
Quedaram apenas três, marranas recém-convertidas.

Restam tumbas, inscrições, ressoam ainda os gemidos  
das mil e duzentas vítimas caçadas por Henrique.

Nos degraus da sinagoga de Toledo carcomidos,  
Aqui rezou um menino nos idos de há-Levi. (p. 23)

Um passado mais recente é revelado no poema “Romances de Minha Avó” (que tanto pode ser uma avó turca imaginária ou real), onde acontece um incidente extranatural (dois últimos versos). Percebe-se a exposição de cores (“cor de sol marinho”, “papoulas carmesins”) de movimento (“a maresia do Mármara arribava até Esmirna”, “que ondulava”, “despencando”, “estilhaça”) e o passado, com os verbos no pretérito imperfeito, menos quando um instrumento musical típico dos anos ibéricos (“bandolim”) se despedaça, personificando a dor pelo relato e se esquivando, pelas ‘cordas anquilosadas’, dos sons que outrora dispensaram:

Quando os frutos se vestiam em sua cor de sol marinho  
E adornávamos os lenços nas tardes mornas de abril.  
A maresia do Mármara arribava até Esmirna,  
mar contínuo que ondulava em papoulas carmesins.  
No canto de minha avó, uns romances há muito ouvidos  
Da filha amada do rei, do seu cavaleiro polido,  
De uma espada testemunha de um amor tão proibido.  
Despencando desde o armário, estilhaça o bandolim  
E as cordas anquilosadas, desmemoriadas de si. (p. 39)

## Conclusão

Em conclusão, nesta breve apresentação de três escritoras que mantiveram e mantêm a herança literária sefardita entre os judeus brasileiros, pode constatar-se que elas conservam uma atitude passadista e, ao mesmo tempo atualizada, do ambiente em que viveram ou que conheceram por outros meios que não a convivência. O olhar ao passado é vinculado ao presente de várias maneiras: uma, por uma reverência em que não faltou um traço passadista, como nos relatos de Sultana Levy Rosenblatt; outra, pela convergência do passado e do presente, na narrativa de Tatiana Salem Levy, unindo o passado do seu avô ao presente vivido por ela na Turquia, em Portugal e no Brasil; e, finalmente, o poemário de Leonor Scliar-Cabral, em que ressoam tanto os sons, quanto as cores e os movimentos dos tempos ibéricos-judaicos, revivendo um passado que ainda está presente em todos nós, como “as cordas anquilosadas”... do “bandolim”.

Fator curioso e não desprezível é que as três escritoras aqui citadas revelaram, nas confissões recortadas para esta apresentação, a figura do avô, da avó e do bisavô. Tantas gerações lá atrás voltam, nas suas páginas, como se nunca tivessem partido. Este é o poder imanente da literatura.

